

# Gênero e Inclusão na Leitura para Todos e Todas: Histórias da/para Comunidade com abordagens da Tecnologia e do Desenho Universal para Aprendizagem

## RESUMO

**Alessandra Lopes de Oliveira  
Castelini**

E-mail:  
alessandralopes@ufpi.edu.br  
Universidade Federal do Piauí,  
Teresina, Piauí, Brasil  
Universidade Feevale, Novo  
Hamburgo, Rio Grande do Sul,  
Brasil

**Célia Maria Adão de Oliveira  
Aguar de Sousa**

E-mail: celia.sousa@ipleiria.pt  
Centro Interdisciplinar de Ciências  
Sociais da Universidade Nova de  
Lisboa. Polo do IPEiria,  
Politécnico de Leiria, Leiria,  
Portugal

**Denise Regina Quaresma da Silva**

E-mail:  
denise.silva@unilasalle.edu.br  
Universidade LaSalle, Canoas, Rio  
Grande do Sul, Brasil

Este artigo objetiva discutir as possibilidades de tratar questões de gênero e inclusão por meio de um projeto internacional de Leitura para Todos/Todas que decorre em Portugal e propõe livros em multiformatos e multissensoriais baseadas na mediação da Tecnologia e abordagens do Desenho Universal para a Aprendizagem – DUA. O estudo em questão culminou na criação e difusão de uma história da/para comunidade que foi ressignificada no trabalho coletivo intergeracional, enquanto artefato cultural e que impulsiona o papel dos educadores/docentes na desmistificação de temas da inclusão e sexismo naturalizados nas histórias infantis. A questão que motivou esse estudo foi analisar quais as potencialidades do livro em multiformatos/multissensoriais “Rainha das Rosas” para discussões de temas: gênero, diversidade e inclusão. O estudo trata de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e apoia-se metodologicamente no estudo de caso etnográfico. Após a recolha dos dados optou-se pela triangulação para validação dos resultados. A análise evidenciou que a obra oportuniza reflexões sobre as diferentes tecnologias assistivas em prol da comunicação e inclusão, favorece a discussões de diversidade e gênero ao ressaltar o papel da mulher na sociedade e as formas sexistas, patriarcais e culturais evidenciadas nessa obra infantil, bem como a viabilização de novas formas de ressignificar práticas de leitura, a ampliar o conhecimento das relações existentes entre inclusão e diversidade, e que tensiona o (re) pensar de forma crítica as criações/adaptações de obras literárias além de estimular o diálogo inter, trans e multidisciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livros em Multiformatos/Multissensoriais. Tecnologias. Desenho Universal para a Aprendizagem. Gênero. Inclusão.

## INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre os processos de criação e adaptação de artefatos que auxiliam o contexto inclusivo, elegemos esse estudo para discorrer sobre um projeto em andamento, realizado em Portugal que trata de Leitura para Todos/Todas por meio de livros em multiformatos e multissensoriais com aportes teóricos ancorados nas tecnologia de apoio ou assistivas (TA) e nas abordagens do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Esse estudo, enquanto recorte de pesquisa das autoras, contempla a análise de uma obra intitulada “Rainha das Rosas” elaborada coletivamente pelas Escolas de Cortes e Reixida no ano de 2017 foram desenvolvidas no Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) junto ao Instituto Politécnico de Leiria (IPL) em Portugal e foi distinguida com o Prêmio Acesso Cultura – Acessibilidade Integrada no ano de 2018. O estudo revela fatores que nos auxiliam em discussões e na desmistificação de temas ligados à diversidade e nos levam a perceber como são (re)tratados alguns estereótipos de gênero e como desconstruir essas narrativas, favorecendo aspectos da diversidade cultural e a utilização de recursos inclusivos.

Estudos anteriores de Alessandra Lopes de Oliveira Casteleni, Célia Maria Adão Aguiar de Oliveira Sousa e Denise Regina Quaresma da Silva (2019, p. 09) descrevem os livros em multiformato e multissensoriais enquanto livros impressos, que apresentam o conteúdo utilizando a combinação de diversos recursos e formatos que tornam a leitura mais acessível como: texto aumentado, uso de braille, imagens em relevo com legenda, utilização das técnicas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) como escrita fácil e pictogramas. A combinação desses recursos, aliados à abordagem DUA, ampliam o acesso dos leitores ao contemplar diferentes necessidades com a utilização de recursos tecnológicos de apoio (TA) e de caráter multissensorial que apelam à exploração de diferentes sentidos do corpo: tato, olfato e movimentos, favorecendo estímulos sensoriais e a interação do corpo com objetos relativos à história apresentada.

Os livros em multiformato e multissensoriais apresentam estratégias de CAA pois desfrutam de recursos tecnológicos e técnicas que conforme (CHUN, 2009) viabilizam às formas de comunicar. Rita de Cássia Bersch (2009) considera tecnologias assistivas (TA) ou de apoio, enquanto qualquer produto ou serviço que permita a participação do estudante.

O trabalho propõe reflexões sobre inclusão e diversidade por meio da literatura em multiformato e discute experiências vivenciadas em sala de aula, ressignificadas pelas autoras, enquanto professoras da formação inicial e continuada de docentes, além de pesquisas e estudos já realizados sobre a temática com perspectiva inter e multidisciplinar.

O estudo objetiva discutir as relações de gênero e inclusão existentes na obra “Rainha das Rosas” (CORTES e REIXIDA, 2017) desenvolvida por meio do projeto Leitura para Todos/Todas, no formato de livro multiformato e multissensorial com abordagem baseada na TA e no DUA. Das questões que motivaram esse estudo, enfatizamos a necessidade de analisar quais as potencialidades do livro “Rainha das Rosas” para discussões de temas e estudos de gênero, diversidade e inclusão e em que medida os recursos tecnológicos (TA) apoiados na abordagem DUA repercutem no acesso, participação e aprendizagem das crianças.

As discussões propostas nesse estudo serão sistematizadas em três etapas: na primeira serão discutidos os aportes legais que tratam da educação inclusiva a enquanto direitos humanos e a legislação vigente que respaldam os estudos e as relações de gênero existentes nos livros de histórias infantis ao destacar estereótipos que são reproduzidos e incorporados pela sociedade, bem como analisar a leitura pautada na diversidade e acessibilidade na comunicação. Na segunda etapa abordaremos as questões metodológicas, trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa (MARTINS, 2004) e apoia-se na técnica de estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 2004) sendo que os dados bibliográficos coletados em campo, compreendem o período de 2018 e 2019 e serão tratados por meio da técnica de triangulação de dados apoiados nos estudos de Robert Stake (1999).

Na terceira e última etapa, serão discutidos os resultados da análise da obra “Rainha das Rosas” (CORTES e REIXIDA, 2017), que culminou na produção de um livro inclusivo de caráter coletivo/comunitário, com vistas a valorização da diversidade, enquanto representação de uma personagem/atriz social e histórica para a comunidade e as possibilidades de tratar e desconstruir questões estereotipadas presentes na história, explorando a naturalização das desigualdades de gênero apontadas na obra e apontando caminhos na problematização do papel social e hierárquico da mulher naquela sociedade.

Ao finalizar, propomos reflexões sobre a importância de discutir projetos realizados na/da comunidade com foco na inclusão e diversidade com a utilização de recursos tecnológicos, a utilização de temas pertinentes, significativos à comunidade e resultando em diálogos interdisciplinares dos profissionais frente à demandas atuais portando contribuições da literatura infantil nessas abordagens, enquanto ferramenta pedagógica em prol do acesso à informação e construção de novas aprendizagens. Consideramos que por meio da leitura multiformato e multissensorial é possível abordar e desmistificar temas da atualidade, aliados à utilização de recursos tecnológicos e que compreendem diferentes abordagens, ampliando o acesso à leitura ao ressignificar práticas de ensinar e aprender enquanto direito de Todos e Todas.

## **EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E COMUNICAÇÃO ENQUANTO DIREITO HUMANO**

Considerando a perspectiva expressa no Art. 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), todo ser humano tem direito à instrução. Ressaltamos que esse estudo assevera o compromisso com a literacia enquanto um direito humano fundamental e de base para a aprendizagem expressas nas orientações da ONU (2015) e as diretrizes da Unesco (2016), com a educação inclusiva enquanto um processo que visa responder à diversidade de necessidades dos alunos, por meio do aumento da participação de todos na aprendizagem e ao longo da vida.

Com a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão – (LBI), Lei n. 13.146/2015 no Art. 27 que trata da Educação, foi evidenciado o dever do Estado, da sociedade e da família assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência e que o espaço educativo necessita praticar a adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, favorecendo o acesso, a permanência, a participação e a

aprendizagem por meio de oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena.

Em seu Art. 28, a LBI/2015 incumbe ao poder público incentivar pesquisas voltadas ao desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva, bem como o planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia. (BRASIL, 2015)

Em Portugal, o compromisso com a educação inclusiva vem de encontro com a definição das diretrizes da Unesco (2009), enquanto processo que visa responder à diversidade de necessidades dos alunos, através do aumento da participação de todos na aprendizagem e na vida da comunidade escolar. Com a promulgação do Decreto-Lei n.54/2018 foi estabelecido como uma das prioridades da ação governativa, a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadores da sua plena inclusão social. (PORTUGAL, DGE, 2018)

Ao compreender o mundo cada vez mais inclusivo, partimos dos pressupostos que apoiam o sistema educacional do Brasil e de Portugal por meio de diretrizes da Educação para Todos/as (UNESCO, 1990) e Escola para Todos/as propostos na Declaração de Salamanca. (UNESCO, 1994) Em 2008, por meio da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2008) a educação inclusiva foi reafirmada enquanto direito em todos os níveis de ensino e ao longo da vida, implicando nas ações que compete aos responsáveis pela educação e na disponibilização de todos/todas os apoios necessários.

Com a aprovação da Lei n. 13.005/2014 foi estabelecido o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2014/2024 (BRASIL, 2014) que resultaram em uma nova fase para as políticas educacionais brasileiras, ao apresentar 20 metas para o período de dez anos e de várias estratégias que englobam a educação básica e a educação superior, em suas etapas e modalidades. Dentre essas metas a universalização da alfabetização e ampliação da escolaridade e das oportunidades educacionais, redução das desigualdades e valorização da diversidade, entre outros. A meta de n.04, trata da educação inclusiva em que foram elaboradas 19 estratégias para que esta meta seja alcançada entre elas na 4.6 - acessibilidade arquitetônica, oferta de transporte, material didático e tecnologia assistiva conforme as necessidades especiais. (BRASIL, 2014)

Conforme a Agenda de Desenvolvimento Sustentável – ODS, 2030 (UNESCO, 2016), a literacia continua a ser uma prioridade na meta 4.6, que compromete a comunidade internacional a garantir que todos os jovens e uma proporção substancial de adultos, homens e mulheres, alcancem as literacias da leitura e da matemática.

Por compreender a literatura infantil como agente socializador, que apresenta e representa modelos e valores aos leitores, concordamos com Glória Bastos (1999) ao afirmar que a literatura auxilia no desenvolvimento da linguagem, da personalidade e prepara para interpretar o mundo, o corpo, as emoções, os laços afetivos e a realidade.

A partir dessa fundamentação, torna-se imprescindível compreender as múltiplas formas de tratar questões da diversidade no contexto educativo, como por exemplo as relações sociais, os estereótipos presentes nas histórias que caracterizam a forma de ser homem ou mulher, baseadas em práticas construídas historicamente a partir de características que determinam o que é próprio do sexo masculino e feminino, ao apresentar distintamente os papéis do homem e da mulher em sociedade e ao desconstruir padronizações que sugerem determinismos biológicos e estereótipos previamente estabelecidos pelo meio cultural.

Para tratar o conceito de gênero, Guacira Lopes Louro (1997) refere que é construído socialmente e historicamente, e repercute no modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto.

Judith Butler (2007), tece uma crítica à concepção dualista que opõe sexo/gênero, ao afirmar que ser homem ou ser mulher configura-se como uma construção cultural, resultante de normas que sustentam as práticas sociais e operam sobre nossos corpos de modo potente e incisivo. Já para Joan Scott (1995), gênero refere ao discurso sobre a diferença dos sexos e que deve ser analisada em seus diferentes contextos históricos.

Diante do exposto, percebe-se que a divisão binária entre o que constitui o feminino e o masculino são traçados pela sociedade, a qual estabelecem estereótipos que são reproduzidos e posteriormente incorporados.

Sendo a escola um espaço plural e para todos e todas, devemos refletir sobre os processos de aprendizagens das crianças e seu desenvolvimento integral, visto que estas absorvem informações do contexto em que vivem e na escola, pois, no processo de autoconhecimento e do conhecimento do outro, são expostas a variados discursos, por meio de diferentes mecanismos, entre eles, a formação literária. Conforme Dylia Lysardo-Dias (2007), de um modo geral, toda atividade comunicativa mobiliza representações estereotipadas que instauram um espaço de aproximação e de reconhecimento através da evocação desse domínio referencial marcado pela convencionalidade.

Nesse sentido, ao abordar as diretrizes, as políticas públicas e os referenciais teóricos que amparam as discussões, é possível refletir as contradições da sociedade, as barreiras de acesso, o binarismo nas narrativas, os discursos apresentados, os estereótipos evidenciados, a história silenciada e das múltiplas formas de valorização dessa história por meio do relato.

## **A LEITURA EM MULTIFORMATO E SUAS ABORDAGENS**

Desde 2016, o projeto Leitura para Todos/Todas é desenvolvido no CRID, por uma equipe multidisciplinar, que desenvolve ações em parceria com a comunidade local, regional e internacional, vinculado a uma instituição de ensino superior em Portugal, que direcionam pesquisas e práticas de acessibilidade que englobam espaços, serviços e produtos com estratégias de comunicação acessível, como a produção de obras literárias para Todos/Todas, que viabilizam discussões sobre a inclusão e diversidade no meio acadêmico, científico e social, desencadeando movimentos de acessibilidade.

Partindo do pressuposto que a comunicação é uma das mais importantes necessidades do ser humano e que o ato de ler faz parte do processo de comunicação, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa (2012) evidencia que esta prática torna-se vital para o desenvolvimento das pessoas, visto que ocorre entre os sujeitos de forma cotidiana, envolvendo as interações sociais e trocas que são fomentadas por diversas situações, seja as expressadas pela memória, cultura, tradições e resultantes dos diferentes contextos sociais.

Ao considerar a diversidade existente no contexto educativo, torna-se imprescindível o reconhecimento que há formas diversas de construir o conhecimento, diferentes caminhos e ritmos (ZERBATO, 2018) nesse processo. Assim, elegemos tratar nesse estudo sobre livros em multiformatos e multissensoriais as contribuições da abordagem baseada no DUA, propostas por Clarisse Nunes e Isabel Madureira (2015) que consistem em apresentar um conjunto de estratégias que tornam mais acessíveis as práticas de ensino-aprendizagem para todos os estudantes.

Para tornar o livro em multiformatos mais inclusivo e favorável à aprendizagem de todos, buscou-se a elaboração do material baseado no Universal Designer Learning (UDL), conceito que surgiu nos Estados Unidos em 1999, traduzido para o português como Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) que consiste na elaboração de estratégias para tornar os produtos mais acessíveis à todos, contemplando termos físicos, de serviços, produtos e soluções educacionais para que todos possam aprender sem barreiras. (CAST, 2006)

A abordagem DUA tem o lema de atender a todos (CAST, 2014) e mostrou ser eficiente para a criação de ambientes de aprendizagem flexíveis e acessíveis para todos/todas os estudantes, incluindo aqueles com deficiência (RIBEIRO, AMATO, 2018). Nessa perspectiva, a adoção dessa proposta justifica-se ao compreender que a utilização de diversos recursos pedagógicos e tecnológicos, bem como materiais, técnicas e estratégias objetivam atender a diversidade leitora, independente do contexto das deficiências, na busca de ampliar o acesso e facilitar a aprendizagem.

Assim, o DUA constitui-se enquanto suporte para os docentes e demais profissionais especializados na reflexão e elaboração de práticas pedagógicas e recursos, enquanto estratégias que visem a acessibilidade, seja em termos físicos, criação de produtos ou soluções educacionais para que todos possam aprender. (CAST, 2013)

Estudos de Geisa Letícia Kempfer Bock, Marivete Gesser e Adriano Henrique Nuernberg (2018) e Alessandra Lopes de Oliveira Castellini, Célia Maria Adão de Aguiar Oliveira Sousa e Denise Regina Quaresma da Silva (2019) buscaram ampliar as investigações sobre o DUA o qual tornou possível perceber que no campo educacional os estudos que contemplam essa abordagem são considerados recentes e aglutinam-se principalmente na América do Norte e tem foco no ensino superior. Em Portugal essa abordagem foi recentemente incorporada como opção metodológica, termo esse presente nos documentos legais educacionais vigentes desde 2018, como é o caso do Decreto-Lei n.º 54/2018 promulgado pelo Ministério da Educação e que tem refletido nas práticas e recursos utilizados pelos docentes em sala de aula nas escolas portuguesas. Enquanto isso, no Brasil, estudos de Ana Paula Zerbato e Enicéia Gonçalves Mendes (2018) afirmam que tal abordagem é



pouco conhecida ou disseminada, a julgar pela escassez da literatura científica sobre o assunto.

Nesse sentido, os livros em multiformato/multissensoriais propostos pelo projeto Leitura para Todos/Todas desenvolvidos pela equipe do CRID, buscam integrar a abordagem DUA em produtos mais inclusivos, viabilizando os processos de ensino e aprendizagem, reflexões das práticas e recursos do contexto educativo mais inovadoras, utilização de tecnologias que privilegiam a construção do conhecimento a potencializar as oportunidades de aprendizagem para todos.

Ao evidenciar o papel das práticas de leitura no contexto da informação e comunicação acessível (CASTELINI, QUARESMA DA SILVA, HEIDRICH, 2018) incentivando a criação de livros que tratam da inclusão e diversidade com múltiplos recursos digitais e tecnológicos, há uma (re)configuração nas práticas de leitura, englobando diferentes especificidades, considerando as diversidades existentes no público leitor.

No ano de 2004, o *American with Disabilities ACT*, definiu o conceito de TA termo utilizado em inglês como *Assistive Technology* como todo e qualquer item, equipamento, ou produto, que seja utilizado para aumentar, manter ou melhorar as capacidades funcionais de indivíduos que apresentem deficiências/incapacidades (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

Em Portugal, o conceito de tecnologia de apoio nem sempre é consensual, quer em termos de significado ou terminologia, a designação em inglês é *Assistive Technology*. Conforme o Decreto-Lei 3/2008 no Art. 22 entende-se por tecnologias de apoio (TA) os dispositivos facilitadores que se destinam a melhorar a funcionalidade e a reduzir a incapacidade do aluno, tendo como impacto permitir o desempenho de atividades e a participação nos domínios da aprendizagem e da vida profissional e social.

No Brasil, o Comitê de Ajudas Técnicas – CAT (BRASIL, 2006) estabelece o conceito de tecnologia assistiva (TA) como uma área do conhecimento de característica interdisciplinar que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

As tecnologias assistivas (TA) têm se constituído como uma das principais possibilidades de mediação da educação inclusiva nas escolas, já que podem permitir a autonomia, a comunicação, o empoderamento e a inclusão do estudante. (BERSCH, 2017)

Das estratégias e técnicas mais acessíveis pertencentes aos livros multiformatos e multissensoriais do projeto destacado Castellini, Sousa e Quaresma da Silva (2019) descrevem a utilização de estratégias da CAA e utilização das TA com os seguintes recursos: texto aumentado, o uso do braille, imagens em relevo, utilização de escrita fácil, pictogramas, código (QR) que remete ao contexto digital e permite interações com o conteúdo, versões em audiolivro, videolivro, utilização de LGP entre outros. Maria Carlota Themudo de Ferreira, Maria Margarida Nunes da Ponte e Luís Manuel Faria Azevedo (1999) afirmam que todas as pessoas, independentemente da idade ou condição, podem utilizar recursos

suplementares a comunicação e CAA como um meio temporário ou de longo prazo.

Nesse sentido o emprego coordenado de técnicas da CAA como a letra aumentada aos que possuem baixa visão, facilita o acesso ao conteúdo exposto no livro, a utilização da técnica da escrita simples (MARTINS, 2014) enquanto uma forma de tornar o texto objetivo de ler e compreender, partindo de conceitos familiares a adaptação da escrita com símbolos pictográficos (SPC) que buscam beneficiar as pessoas que ainda não se apropriaram da língua escrita padrão, como é o caso das crianças, pessoas com algum tipo de deficiência ou baixa literacia, bem como aqueles que não dominam a língua, como é o caso de estrangeiros são algumas das estratégias utilizadas pelas pessoas que apresentam alguma dificuldade de comunicação.

Estudos desenvolvidos por Maria Carlota Themudo de Ferreira, Maria Margarida Nunes da Ponte e Luís Manuel Faria Azevedo (1999) afirmam que em 1981 foi criado o Sistema SPC – Símbolos Pictográficos para a Comunicação pela americana Roxana Mayer Johnson como objetivo de ser facilmente compreendido pelas crianças, jovens e adultos. Stephen Von Tetzchner e Harold Martinsen (2000) asseguram que este sistema de símbolos pictográficos foi amplamente divulgado nos Estados Unidos, Reino Unido, Irlanda, Alemanha, Espanha e Portugal.

Entre os aplicativos de comunicação alternativa mais comuns, destaca-se o Software Boardmaker (<https://goboardmaker.com/>) e o Portal Aragonés de la Comunicación Aumentativa y alternativa (Portal ARASAAC; <http://www.arasaac.org/>). Os símbolos em um sistema CAA devem permitir flexibilidade, pois não são universais em uma cultura. Por isso, é importante encontrar símbolos que sejam relevantes para o indivíduo e sua comunidade/contexto. Desse modo, a seleção deles também é baseada na capacidade das pessoas de acessar, reconhecer e aprender o significado dos símbolos.

Ao refletir sobre a importância da literatura para o ensino global (SALDANHA; AMARILHA, 2018, p.155), percebe-se que a utilização de livros em multiformatos/multissensoriais, auxiliam a abordagem transdisciplinar e a educação inclusiva sobretudo ao compreender que tais obras, na perspectiva dos estudos de Alessandra Lopes de Oliveira Castellini, Denise Regina Quaresma da Silva e Regina de Oliveira Heidrich (2018) constituem-se como artefatos culturais, visto que são criações e adaptações literárias considerando as especificidades do público que será contemplado e apresentam-se enquanto práticas inovadoras, tecnológicas e que favorecem o contexto educativo. Na sequência, serão apresentados os dados metodológicos do estudo, bem como as formas de coleta e análise dos dados.

## COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Com o intuito de abordar os processos que culminaram na criação e difusão de uma história da/para comunidade intitulada “Rainha das Rosas” (CORTES e REIXIDA, 2017) que foi ressignificada no trabalho coletivo intergeracional, com apoio de diferentes instituições que viabilizaram o trabalho em contexto escolar, e contou com a participação de pais, professores e crianças, ao recontar uma lenda pertencente a comunidade local, que é atribuída de significados à



comunidade, e que nos auxilia a refletir sobre a importância do papel dos educadores na desmistificação de temas da inclusão e da diversidade, a desconstruir estereótipos e discursos naturalizados, patriarcais e de sexismos revelados no contexto das histórias infantis.

Metodologicamente este artigo configura-se como uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa (MARTINS, 2004) e apoia-se no método estudo de caso do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2004) por se tratar de uma investigação empírica, com fenômeno pouco investigado, o qual exige estudo aprofundado.

Para coleta de dados optou-se pela revisão bibliográfica, aportes do contexto legal e legislação educacional vigente no Brasil e em Portugal, que tratam da educação inclusiva e da comunicação enquanto direito humano, discussões de autores enquanto referenciais teóricos e percepções do diário de campo que detalham o trabalho desenvolvido na criação do livro em multiformato com abordagem DUA e subsidiam a análise da obra.

Para a validação dos resultados e como forma de integrar diferentes perspectivas do estudo, optou-se pela técnica de triangulação de dados, na perspectiva de Stake (1999) pois oferece ao pesquisador olhares múltiplos sobre o tema, apontando alternativas para elaboração, adaptação e inovação de produtos com vistas ao diálogo interdisciplinar.

A pesquisa em campo possibilitou a coleta de dados que recontam o processo de produção de uma obra literária “Rainha das Rosas” elaborado coletivamente pelo agrupamento das Escolas de Cortes e Reixida no ano de 2017, no concelho de Leiria, região central de Portugal. O projeto de produção de um livro mais inclusivo foi concebido com essa proposta, discutido na comunidade escolar e foi composto com a participação de 97 crianças da faixa etária dos 3 anos de idade até os 10 anos em média e professores vinculados ao jardim de infância e na escola de educação básica, nomeadas em Portugal como 1º ciclo.

Das ações desenvolvidas no projeto de recontar a lenda existente na comunidade e que trata do milagre da Rainha D. Isabel, os participantes desse projeto tiveram a experiência de ampliar os conhecimentos sobre o castelo existente na cidade, das pessoas que o habitavam, pesquisar informações sobre a história do rei e da rainha que residiam nesse local, como forma de apropriar-se dos elementos necessários para a construção dessa história enquanto um artefato cultural, além de discutir o papel da rainha enquanto mulher, frente à realidade exposta na história.

As atividades ocorreram junto à comunidade citada e oportunizou ampliação nas práticas de leituras, desenvolvimento de pesquisas, escrita e reescrita de textos, a produção de ilustrações e utilização de diferentes técnicas para tornar a história da rainha mais acessível e inclusiva. A obra foi distinguida com o Prêmio Acesso Cultura – Acessibilidade Integrada 2018 por ser um projeto transversal, que considerou o envolvimento das crianças na construção do livro e por ampliar o acesso de todos para acompanhar a história.

Partindo desses pressupostos, buscamos realizar uma análise minuciosa da obra, considerando o contexto que envolveu essa criação e os dados obtidos junto ao CRID, o qual nos revelou a oportunidade de refletir, além das questões elementares sobre a importância da leitura, das repercussões expressas nesse trabalho coletivo, direcionar o olhar investigativo para a perspectiva dos estudos

da inclusão, diversidade cultural e de gênero, ao problematizar os estereótipos retratados na obra, que representam um espaço e tempo histórico e possuem elementos que viabilizam a discussão sobre temas da atualidade.

Quanto aos aspectos inclusivos, as técnicas de CAA utilizadas e os recursos de TA favorecem a leitura acessível. Os aspectos da diversidade cultural apoiados na perspectiva de cultura de Stuart Hall (1997) como um dos elementos mais dinâmicos e imprevisíveis, são expressos na obra “Rainha das Rosas”, por se tratar de uma lenda da cidade em volta do seu castelo, os costumes de um tempo histórico, que são representados no modo como os sujeitos nas suas relações sociais recebem a interferência de diferentes símbolos, discursos e práticas que corroboram para a (re)construção dos papéis sociais, nas suas disposições e formas de ser e estar no mundo.

Quanto a abordagem dos estereótipos de gênero enfatizados no estudo, estes dizem respeito a um conjunto de crenças organizadas e comumente partilhadas sobre as características que identificam homens e mulheres (GOLOMBOK; FIVUSH, 1994; CARDONA ET AL., 2015; WALL, 2016). Os estereótipos de gênero têm um papel prescritivo – apontando conjuntos de comportamentos que se acredita serem mais apropriados para mulheres ou para homens – materializando-se em papéis de gênero tradicionais atribuídos a uns e a outras, valorizados de forma desigual (AMÂNCIO, 1994; NOGUEIRA, 1999; NOGUEIRA E SAAVEDRA, 2007)

Ao analisar o conteúdo na perspectiva de gênero apresentado na obra infantil, foi possível apontar a manutenção e reforço de alguns destes estereótipos, que segundo Conceição Nogueira e Luísa Saavedra (2007) permitem que se formem generalizações muitas vezes injustas face às pessoas de determinado grupo, apenas pelo facto de pertencerem a esse – ocasionando preconceitos em relação não só aos grupos, como em relação às pessoas, desconsideradas na sua individualidade. Na continuidade, serão abordados aspectos da obra com o propósito de (re)direcionamento desse olhar.

### **A RAINHA DAS ROSAS SOB OLHARES DA INCLUSÃO E DIVERSIDADE**

O livro em multiformato e multissensorial “Rainha das Rosas” (CORTES e REIXIDA, 2017) foi desenvolvido no âmbito do projeto Leitura para Todos/Todas junto ao CRID/IPLeiria e trata de uma história que aconteceu no Castelo de Leiria, uma fortaleza militar que foi edificado por volta de 1135, ano que marca a fundação da cidade de Leiria em Portugal. A época exata do surgimento dessa lenda na tradição portuguesa não é consensual, o mais antigo registro escrito data de 1562 na Crônica dos Frades Menores em Lisboa. O estudo realizado por Joana Ramôa (2010) retrata a rainha e santa de Portugal como piedosa, que usava parte do seu tempo em oração e ajuda aos pobres. A rainha Isabel de Aragão foi beatificada pelo Papa Leão X em 1516, vindo a ser canonizada pelo Papa Urbano VIII em 1625.

A lenda do milagre das rosas, vivido pela Rainha D. Isabel de Aragão ao lado do seu esposo Rei D. Diniz foi amplamente difundida e foi recontada por um coletivo de crianças e ressignificada ao valorizar a história de uma mulher que Ramôa (2010) diz respeito a uma das figuras maiores e mais aclamadas do mundo feminino português medieval e que são retratados com aspectos distintos que

propiciam uma discussão interessante sob a perspectiva da diversidade e estudos de gênero.

A Rainha D. Isabel é retratada na história infantil “Rainha das Rosas” (CORTES e REIXIDA, 2017, p. 8) como “...uma mulher muito bela e bondosa e que ajudava as pessoas do reino às escondidas do rei”. Além disso, realizava visitas e tratava os doentes, doando pães e moedas aos mais pobres, à porta do castelo.

Enquanto isso, as características que representam o rei evidenciam que “...era bondoso, mas não gostava que o dinheiro fosse distribuído aos pobres, porque tinha que gerir o tesouro real.” (CORTES e REIXIDA, 2017, p. 12)

O enredo da história acontece no mês de janeiro e evidencia o clima frio, pertinente no contexto europeu nessa época do ano em que a rainha D. Isabel decidiu levar pão escondido para dar aos pobres, mas que foi surpreendida pelo rei que queria saber onde iria, tão cedo. Conta também que no castelo havia um belíssimo jardim, com rosas cultivadas e que a rainha gostava de andar por entre as flores e que evidentemente não floresciam no mês de janeiro devido ao clima.

O contexto da história se encaminha para a concretização do milagre das rosas e como se passa, ao acontecer a situação da rainha ser surpreendida pelo rei com pães escondidos na sua roupa e que ao ser questionada, mentiu que eram rosas e por se tratar de uma caridade aos pobres, os pães foram transformados em rosas e deixou cair rosas do seu regaço. Segundo a lenda, naquele momento, ocorreu o milagre, pois nunca se pensou ver rosas tão lindas em pleno mês de janeiro, devido ao inverno. A notícia do milagre da rainha, de ter lindas rosas no mês de janeiro, correu toda a cidade e o povo a proclamou de santa, a rainha Isabel de Portugal. (CORTES e REIXIDA, 2017)

O livro em multiformato Rainha das Rosas foi uma edição limitada em Portugal, com mil exemplares na 1ª Edição e as versões audiolivro e vídeolivro com LGP encontram-se no contexto digital com acesso gratuito. A versão impressa acompanha imagens em relevo que ampliam as percepções sobre as imagens representadas na história e a miniatura de uma rosa perfumada, enquanto recursos que possibilitam a abordagem multissensorial da história ao estimular os sentidos e apropriação do conteúdo.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a elaboração desse estudo, ancorados nos estudos de Marli André (1995, p. 19) buscamos enfatizar aspectos subjetivos relacionados à cultura, as interações sociais e suas perspectivas qualitativas. Os instrumentos de recolha de dados centraram nas fontes documentais expressas nos aportes da legislação vigente, dos estudos teóricos e científicos, no diário de campo com percepções das pesquisadoras e análise do livro em multiformato “Rainha das Rosas” de autoria de Cortes e Reixida (2017).

Ao considerar como estratégia de validação dos resultados a triangulação de dados baseada nos aportes de Stake (1994; 1999) por considerar a investigação enquanto processo, que utiliza múltiplas perspectivas para clarificar significados, deve-se na medida em que torna possível a combinação de duas ou mais fontes de informação e dados referentes ao mesmo acontecimento com objetivo de aumentar a veracidade das informações.

Para a discussão dos trechos mencionados na obra destacada acima, faz-se pertinente discutir que não há como pensar em inclusão digital de forma dissociada da inclusão social, visto que qualquer esforço de inclusão segundo Antônio Carlos Teixeira Liberato (2009, p. 44) requer o uso e a apropriação de elementos tecnológicos, conhecimento da realidade local, adaptação de conteúdos e linguagens, criação de metodologias específicas, acompanhadas de um processo contínuo de avaliação. Um aspecto pertinente a retratar é a (re)produção de estereótipos de gênero, que ocorrem nas narrativas e de forma naturalizada nos discursos hegemônicos apresentados, que nas palavras de Izabel Magalhães (2008) ganham força a partir das reiterações sociais promovidas pelo Estado, a mídia, a igreja e a escola.

Por meio dessa breve sinopse da história é possível destacar três estereótipos (NOGUEIRA; SAAVEDRA, 2007) presentes na história e que contribuem para a desmistificação do tema ao propor a leitura e instigar para o debate.

O primeiro estereótipo destacado são os modelos de feminino e masculino representados nas características evidenciadas na história, bem como o papel social que cada personagem representa na história, de forma distintos e aceitos perante a sociedade, relacionados a diferenciação no que tange a divisão dos poderes.

No caso da rainha D. Isabel suas características relacionam à ideia de feminilidades, como é o caso da beleza, bondade e caridade, e outra característica expressa por meio da rainha gostar de rosas. Outro aspecto é o caso do milagre das rosas, que a tornou santa perante o reino e representa o papel imaculado da mulher e na possibilidade de realizar milagres ou atos divinos, reafirmados posteriormente à sua canonização e que repercute no contexto cultural português.

Michelle Perrot (1988) afirma que as mulheres são destinadas aos poderes informais, as influências, os bastidores, os poderes domésticos, enquanto aos homens a masculinidade, pois reserva a segurança, proteção, o poder do espaço público, político, das decisões, do estado. Louro (2014, p.69) afirma que a formação de estereótipos de gênero ilustra o poder subjacente à linguagem, capaz de “não apenas expressar relações, poderes, lugares”, mas de instituí-los e de produzir e fixar diferenças.

Para Eveline Lima de Castro Aguiar e Mariana Kataoka Barros (2015), as mulheres se limitavam aos cuidados e aos afazeres domésticos, enquanto os homens iam às guerras. As problematizações em relação as características da rainha, nos permitem refletir que historicamente as atividades domésticas e aliadas à caridade eram desempenhadas pelas mulheres e que atualmente, conforme Josiane Peres Gonçalves e Janaína dos Santos Ternovoe (2017) as mulheres continuam a realizar tais tarefas, apesar das conquistas dos movimentos feministas, ou seja, torna-se necessário considerar essas relações na cotidianidade e como ainda ocorrem.

O segundo estereótipo é a retratação da posição ilustrada da rainha ao lado do seu esposo em seu castelo, embora seja compreendido à luz dos costumes do tempo histórico, a utilização dessa imagem destaca o princípio do casamento, o qual representa a ideia de que para as mulheres é uma alternativa de vida e a presença do homem como forma de garantir a segurança e sobrevivência.

Nos estudos de Michele Escoura Bueno (2012), é possível perceber que na literatura, a imagem da princesa está relacionada a beleza e glamour, o que exerce grande fascínio nas crianças e podem influenciar em sua formação. Observa-se que em ambas as histórias a figura do príncipe é essencial, assegurando o estereótipo que a mulher só poderá ser feliz se tiver como companheiro um príncipe que a salve. (PACHÁ, 2013)

Os estereótipos circulam e são transmitidos pelas fontes mais diversas: família, amigos, escola, mídia, são alguns dos agentes que atuam na consolidação, assim como na possível alteração dos estereótipos. Por isso, a linguagem tem um papel importante porque “é através dela que o processo de estereotipia se materializa”. (LYSARDO-DIAS, 2007, p.28).

Conforme Maria Lúcia Diniz (2000, p. 140), os estereótipos são manifestações das mais antigas em nossa cultura, estão nos contos de fada, nas narrativas populares, nas canções da idade média. Provém dos rituais, dos mitos, das comparações e metáforas, que utilizadas pela primeira vez caíram no gosto popular. Assim, os estereótipos garantem uma relativa identidade, já que os membros de um grupo se reconhecem por compartilharem uma visão de mundo.

Nessa perspectiva convém destacar que cada período histórico apresenta estereótipos demarcados, assim como cada grupo social constrói os saberes coletivos. Assim, Lysardo-Dias (2007) afirma que o estereótipo não é estático, ou seja, pode ser renovado e ganhar novos contornos no grupo social a que pertence. Mesmo com os avanços e conquistas sociais femininas ao longo da história, alguns estereótipos permanecem no imaginário e são representados por meio de filmes e histórias e são reproduzidos em sociedade.

Nesse sentido, cabe-nos apontar o papel dos professores e educadores na tarefa de (des)construir os estereótipos presentes nas histórias e problematizar questões de gênero e diversidade nos livros infantis, como forma de refletir sobre o período histórico retratado nas obras literárias e que tais estereótipos devem ser combatidos na sociedade atual, em busca de maior equidade entre as pessoas. (CASTELINI, QUARESMA DA SILVA, 2018)

Assim, recorremos aos estudos de Diana Maria Leite Lopes Saldanha e Marly Amarilha (2018) que consideram a literatura enquanto ferramenta que nos auxilia a compreender a realidade por considerar que no tecido multidimensional da experiência humana explora novos conhecimentos, instigando a leitura plural, sob diferentes ângulos, da realidade. Nesse sentido, tais reflexões caracterizam um convite a pensar as interfaces da criação e produção literária livre de estereótipos e a refletir sobre os que se mantém enraizado nos discursos, ainda que de forma sutil e que manifestam a nossa atenção e constante militância para (des)construir e (re)significar.

A temática da diversidade e inclusão foi evidenciada na criação dessas obras literárias por meio do projeto desenvolvido e ampliado com o envolvimento da comunidade desde a concepção desses livros, com a utilização de aspectos pertinentes da abordagem DUA, possibilitando refletir sobre a diversidade existente e as formas e mecanismos de inclusão e exclusão ao propor práticas de leitura que favoreçam o acesso à comunicação e às tecnologias de apoio, de forma que promovam ações mais inclusivas.

Conforme Bersch (2017) a utilização das tecnologias de apoio (TA) qualificam práticas voltadas a inclusão, situação essa constatada pelas pesquisadoras nos processos de criação de livros em multiformatos permitem o acesso a diferentes recursos digitais e pedagógicos que aproximam os leitores com diversas ferramentas educativas, estimulando a aprendizagem ativa, colaborativa e a literacia digital.

Por ser baseado nos aportes da tecnologia e do DUA (NUNES;MADUREIRA, 2015) e pelo fato de ser concebidos em comunidades, de caráter coletivo, os livros em multiformatos e multissensoriais discutidos por Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa (2018) viabilizam o diálogo interdisciplinar, intergeracional e repercute em discussões de temas significativos, ao dar voz aos protagonistas dessas histórias, que ressignificam e potencializam as práticas de leitura e aprendizagem.

A oportunidade de analisar obras literárias atribuídas à infância nos remete a função social da educação, das escolas e dos educadores que assumem o compromisso ou não, em oferecer uma educação mais equitativa, enquanto tarefa crucial para a desconstrução de estereótipos, combate a homofobia e nas discriminações. Ao promover um ambiente de respeito e valorização da vida, com recursos didático-pedagógicos acessíveis à Todos/Todas, encorajamos as pessoas no reconhecimento das diversidades enquanto caminhos para uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar esta pesquisa enquanto um fragmento de investigação sobre as potencialidades dos livros multiformatos e multissensoriais para os estudos da diversidade e inclusão, apoiados nas abordagens da TA e DUA as considerações aqui apresentadas devem ser encaradas como ensaios que retratam práticas inclusivas desenvolvidas em Portugal e discutidas sob perspectivas de ampliação das pesquisas e implementação no contexto brasileiro.

Tais práticas evidenciam a necessidade de reconhecermos o papel da literatura enquanto essencial para a formação cidadã e da sociedade mais inclusiva, que repercute diretamente em reflexões sobre o currículo nos cursos de formação de professores, no papel das escolas na promoção de discussões sobre temas da diversidade e inclusão, no compromisso com a educação antirracista e na desconstrução dos estereótipos, binarismos e sexismos. Ao oportunizar conexões com projetos da/na comunidade, construídos coletivamente, no contato intergeracional com o protagonismo dos atores sociais, realizados em outros países, pressupõe reflexões sobre as condições locais e motiva ações que avaliam possibilidades para vir a ser replicados, complementados, considerando o contexto brasileiro, a emergência em praticar ações concretas sobre as lutas das racialidades, das mulheres, dos indígenas, LGBTQ+ e de tantas outras pautas que interessa a todos e todas, ressignificando as práticas de literatura ao articular conhecimento inter, multi e transdisciplinar que integram saberes de diferentes áreas.

O presente estudo apontou possibilidades de discussões sobre a inclusão e a diversidade por meio do livro em multiformato Rainha das Rosas por abordar no conteúdo questões de gênero, da diversidade cultural e com a utilização de



recursos tecnológicos inclusivos que permitem explorar o acesso à leitura pautada na diversidade e na comunicação mais acessível.

As investigações empreendidas nesse estudo, contribuíram para o deslocamento do universo de pesquisa em busca de compreender relações e contextos evidenciados nos dados coletados, nos processos desenvolvidos no projeto de Leitura para Todos/Todas, valorização da participação das crianças e da comunidade na produção do livro multiformato de caráter coletivo e intergeracional com vistas a valorização da diversidade na representação de uma personagem, mulher, importante para a comunidade local, possibilitando oportunidades de resgate cultural, contribuindo no trabalho pedagógico com tema significativo e problematização do papel social e hierárquico da mulher na sociedade, tensionando o compromisso das equipes pedagógicas na desmistificação desses temas e discussões no contexto educativo. Foi observada a relevância do tema para a comunidade que resultou na aprendizagem de forma lúdica e na construção de diálogos interdisciplinares de diferentes profissionais na elaboração desse produto inclusivo, ampliando as redes de trabalho em prol da literatura mais inclusiva e significativa à comunidade.

Tratar de livros com diferentes recursos e formatos que favorecem a inclusão e acesso à comunicação, também nos leva a compreender a importância de refletir sobre essas questões na formação inicial e continuada de diferentes profissionais, refletindo os processos de interações sociais, representações e características dos personagens apresentados nos livros infantis, a investir em discussões no meio científico, com profissionais que atuam na criação e difusão dos livros que além de conter um design inclusivo, devem propor conteúdos diferenciados e personagens que apresentem características não estereotipadas e que contribuam para se pensar em contextos da diversidade e cada vez mais inclusivos.

Consideramos que para a construção de uma sociedade pautada nos direitos humanos é importante que meninas e meninos tenham acesso garantido à histórias de mulheres e personagens marginalizados/as das grandes narrativas como é o caso de pessoas com deficiência, personalidades negras e da cultura africana e histórias com personagens indígenas, que valorizem a tradição dos povos e suas culturas, enfim, que possam ser representados equitativamente, sem estereótipos de gênero limitadores. Esse trabalho desencadeou reflexões sobre esse tema, ao evidenciar discursos presentes nas obras voltadas ao público infantil e verificou a pertinência de fomentar esse debate na sociedade, escolas e no campo acadêmico, repercutindo nas formações dos futuros profissionais e equipes responsáveis de editoras e autores enquanto agentes educativos, bem como professores, educadores e bibliotecários, sem esquecer dos integrantes das famílias que atuam enquanto mediadores dos processos de formação literária e que devem assegurar medidas necessárias na (re) produção de livros pautados em temas que valorizem a diversidade, inclusão e a comunicação acessível à todos/todas.

# Gender and Inclusion in Reading for All: Community Stories with Approaches to Technology and Universal Design for Learning

## ABSTRACT

This article aims to discuss the possibilities of addressing gender and inclusion issues through an international Reading for All project that takes place in Portugal and proposes books in multiformat and multisensory based on the mediation of Technology and approaches of Universal Design for Learning - DUA. The study in question culminated in the creation and diffusion of a history of / for the community that was reframed in the intergenerational collective work, as a cultural artifact and that impels the role of educators / teachers in demystifying themes of inclusion and sexism naturalized in children's stories. The question that motivated this study was to analyze what the potential of the book in multiformat / multisensory "Rainha das Rosas" for discussions of themes is: gender, diversity and inclusion. The study deals with exploratory research, of a qualitative nature and is supported methodologically in the study of an ethnographic case. After data collection, triangulation was chosen to validate the results. The analysis showed that the work allows reflections on the different assistive technologies in favor of communication and inclusion, favors discussions of diversity and gender by emphasizing the role of women in society and the sexist, patriarchal and cultural forms evidenced in this children's work, as well as the feasibility of new ways of giving new meaning to reading practices, expanding knowledge of the existing relationships between inclusion and diversity, and which tensions (re) thinking critically the creations / adaptations of literary works in addition to stimulating inter, trans and multidisciplinary.

**KEYWORDS:** Multiformat / Multisensory Books. Technologies Universal Design for Learning Genre. Inclusion.

# Género e inclusión en la lectura para todos: historias comunitarias con enfoques tecnológicos y diseño universal para el aprendizaje

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir las posibilidades de abordar cuestiones de género e inclusión a través de un proyecto internacional de Lectura para Todos que tiene lugar en Portugal y propone libros en formato multiformato y multisensorial basados en la mediación de la tecnología y los enfoques de Diseño universal para el aprendizaje: DUA. El estudio en cuestión culminó en la creación y difusión de una historia de / para la comunidad que se reformuló en el trabajo colectivo intergeneracional, como un artefacto cultural y que impulsa el papel de los educadores / maestros en desmitificar temas de inclusión y sexismo naturalizados en los cuentos infantiles. La pregunta que motivó este estudio fue analizar cuál es el potencial del libro en "Rainha das Rosas" multiformato / multisensorial para discusiones de temas: género, diversidad e inclusión. El estudio aborda la investigación exploratoria, de carácter cualitativo, y se apoya metodológicamente en el estudio de un caso etnográfico. Después de la recopilación de datos, se eligió la triangulación para validar los resultados. Las reflexiones descritas en este artículo se caracterizan como un extracto de la investigación de los autores y del proceso de doctorado, vinculado a un proyecto de investigación internacional entre Brasil y Portugal con el apoyo financiero de CAPES. El análisis mostró que el trabajo permite reflexionar sobre las diferentes tecnologías de asistencia a favor de la comunicación y la inclusión, favorece las discusiones sobre la diversidad y el género al enfatizar el papel de las mujeres en la sociedad y las formas sexistas, patriarcales y culturales evidenciadas en el trabajo de estos niños, así como la viabilidad de nuevas formas de dar un nuevo significado a las prácticas de lectura, expandir el conocimiento de las relaciones existentes entre inclusión y diversidad, y qué tensiones (re) pensar críticamente las creaciones / adaptaciones de obras literarias además de estimular inter, trans y multidisciplinario.

**PALABRAS CLAVE:** Libros multiformato / multisensorial. Tecnologías Diseño universal para el aprendizaje. Género Inclusión.

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> O presente artigo apresenta-se como um fragmento de investigação e articula-se às ações desenvolvidas no âmbito de um projeto internacional entre universidades do Brasil e Portugal aprovado pelo Edital n.2 de 29/05/2014 no quadro do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento (MEC/SECADI/CAPES), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES em convênio com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Mariana Kataoka. A representação Feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney: a resignificação do papel social da mulher. 2015. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais...**, Natal RN Intercom, 2015, p. 1-15.

AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e Feminino** – A Construção Social da Diferença, Porto, 1994. Edições Afrontamento/ICS.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazos Afonso de. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, SP, v. 1, n. 1, p. 119-131, set. 2007. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6>. Acesso em: 20/11/2019.

BASTOS, Glória. **Literatura Infantil e Juvenil**. Lisboa, 1999. Universidade Aberta.

BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel; PELOSI, Miryam Bonadiu. Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: tecnologia assistiva: recursos de acessibilidade ao computador II / **Secretaria de Educação Especial** - Brasília: ABPEE - MEC: SEESP, 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/tecnologia\\_assistiva.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/tecnologia_assistiva.pdf). Acesso em: 20/11/2019.

BERSCH, Rita Cássia Reckziegel. **Design de um serviço de tecnologia assistiva em escolas públicas**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18299/000728187.pdf?> Acesso em: 20/11/2019.

BOCK, Geísa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique Desenho Universal para a Aprendizagem: a Produção Científica no Período de 2011 a 2016. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.24, n.1, p.143-160, Jan.-Mar., 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v24n1/1413-6538-rbee-24-01-0143.pdf>. Acesso em: 20/11/2019.

BRASIL. **Educação inclusiva e a escola**. SEESP/MEC-Brasília, 2004.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 31 p. 2015

BUENA, Michele Escoura. **Girando entre princesas**: performances contornos de gênero em uma etnografia com crianças. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CAT, 2007. **Ata da Reunião VII**, de dezembro de 2007, Comitê de Ajudas Técnicas, Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (CORDE/SEDH/PR). Disponível em: [http://www.infoesp.net/CAT\\_Reuniao\\_VII.pdf](http://www.infoesp.net/CAT_Reuniao_VII.pdf). Acesso em: 20/11/2019.

CAST UDL. Learn About Universal Design for Learning (UDL). 2006 Disponível em: <http://bookbuilder.cast.org/learn.php>.

CAST, UDL. **Book Builder**. Massachusetts Department of Elementary & Secondary Education, NEC Foundation of America. The John W. Alden Trust, and the Pinkerton Foundation. 2013. Disponível em: <http://bookbuilder.cast.org/>. Acesso em: 20/11/2019.

CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira.; QUARESMA DA SILVA, Denise Regina. Discutindo as Relações de Gênero e Étnico-Raciais por meio dos contos de fadas na Educação Infantil. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, 2018, v.1, p.1-16. Disponível em: <http://https://www.eumed.net/rev/atlante/2018/05/educacao-infantil-brasil.html>. Acesso em: 20/11/2019.

CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira.; QUARESMA DA SILVA, Denise Regina.; HEIDRICH, Regina de Oliveira. Discutindo Gênero e Diversidade Étnico-Racial: a inclusão a partir do design inclusivo nos livros multissensoriais. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas** - Universidade Federal da Paraíba V. 7 - Nº 03 - Ano 2018 – Educação, Gênero & Direitos Humanos ISSN | 2179-7137 Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>. Acesso em: 20/11/2019.

CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira.; SOUSA, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar.; QUARESMA DA SILVA, Denise Regina. Práticas de leitura mais acessíveis e suas implicações para a inclusão e diversidade: Estabelecendo diálogos. **Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo** (diciembre 2019). ISSN: 1989-4155 Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/12/praticas-leitura-acessiveis.html>. Acesso em: 20/11/2019.

CARDONA, Maria João. et al. (coord.) **Guião de educação Género e cidadania 1º ciclo**, Lisboa, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (online) 2015. Disponível em: [http://www.arteset.com/NET\\_Guiao\\_1Ciclo\\_220915.pdf](http://www.arteset.com/NET_Guiao_1Ciclo_220915.pdf). Acesso em: 20/11/2019.

CHUN, Regina Yu Shon. Comunicação suplementar e/ou alternativa: abrangência e peculiaridades dos termos e conceitos em uso no Brasil. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, 2009. v. 21, n. 1, p. 69-74.

DGE MEC Decreto-Lei número 3/2008 de 7 de janeiro. Diário da República, 1,<sup>a</sup> série – N,<sup>o</sup> 4. Ministério da Educação, Lisboa.

DGE MEC Decreto-Lei n. 54/2018. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl\\_54\\_2018.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf). Acesso em: 20/11/2019.

DINIZ, Maria Lúcia. Estereótipo na mídia: doxa ou ruptura. **3<sup>o</sup> Jornada multidisciplinar O Futuro: continuidade/ruptura**, Unesp/Bauru, 2000, pp.137-145.

FERREIRA, Maria Carlota Themudo de; PONTE, Maria Margarida Nunes da; AZEVEDO, Luís Manuel Faria. **Inovação curricular: implementação de meios alternativos de comunicação em crianças com deficiência neuromotora grave**. 1<sup>o</sup>edição. Lisboa. 1999. Secretariado nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência. Disponível em: [http://www.inr.pt/documents/11309/216258/inovacao\\_curricular\\_na\\_implementacao\\_de\\_meios\\_alternativos\\_de\\_comunicacao\\_em\\_crianças\\_com\\_deficiencia\\_neuromotora\\_grave.pdf/566cd413-f717-41e6-b33f-9ed2db0bc6e3](http://www.inr.pt/documents/11309/216258/inovacao_curricular_na_implementacao_de_meios_alternativos_de_comunicacao_em_crianças_com_deficiencia_neuromotora_grave.pdf/566cd413-f717-41e6-b33f-9ed2db0bc6e3)>Acesso em 05/05/2020.

GOLOMBOCK, Susan.; FIVUSH, Robyn. **Gender development**. Cambridge, Cambridge University Press 1994.

GONÇALVES, Josiane Peres; TERNOVOE, Janaína dos Santos. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 116 - 142, ago./dez. 2017

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. jul/dez. 1997. p. 15-46.

LIBERATO, Antônio Carlos Teixeira. **Compreendendo a Educação para a Inclusão Digital: Uma análise dos sentidos atribuídos pelos monitores das escolas de inclusão digital e cidadania da EMATER – RN**. (Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LYSARDO-DIAS, Dylia. A Construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. **Stockholm Review of Latin American Studies**. 2: 25 – 35, 2007

MAGALHÃES, Izabel. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p.61-68, mai./ago. 2008.



MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. Metodologia Qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2 p: 289-300, maio/ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em: 20/11/2019.

MARTINS, Henrique Manuel Lopes Escudeiro Pereira. **O Museu Nacional de Arte Antiga, o edifício e a sua história**: contributos para um projeto de comunicação. Ano. 153 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

NOGUEIRA, Conceição. Psicologia e construção social do gênero, Coeducação: do princípio ao desenvolvimento de uma prática. **Atas do seminário internacional** (online) 1999 Disponível em <https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/64465>

NOGUEIRA, Conceição.; SAAVEDRA, Luísa. Estereótipos de Gênero. Conhecer para os transformar. **Cadernos Sacausef**: Igualdade de Género, Lisboa, Ministério da Educação (online), 2007 Disponível em: <http://docplayer.com.br/7635144-Estereotipos-de-genero-conhecer-para-os-transformar.html>. Acesso em: 20/11/2019.

NUNES, Clarisse.; MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. **Revista Da Investigação às Práticas**, 5 (2), 126-143. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5211/1/84-172-1-SM.pdf>. Acesso em: 20/11/2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2008. Disponível em <http://www.inr.pt/content/1/1187/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 20/11/2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável** – ODS. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>. Acesso em: 20/11/2019.

PACHÁ, Paulo. **“Mas quem lavará? Quem cozinhará?”**: As princesas Disney como trabalhadoras e subalternas. Disponível em: <http://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2013/05/06/mas-quem-lavara-quem-cozinharas-as-princesas-disney-como-trabalhadoras-e-subalternas>. Acesso em: 20/11/2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 p.167-234

RAMÔA, Joana. Isabel de Aragão, rainha e santa de Portugal: o seu jacente medieval como imagem excelsa de santidade. **Cultura** [Online], Vol. 27 | 2010, Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/356>; DOI : 10.4000/cultura.356. Acesso em: 20/11/2019.

RIBEIRO, Gláucia Roxo de Pádua Souza.; AMATO, Cibelle Albuquerque de La Higuera. Análise da utilização do Desenho Universal para Aprendizagem. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. São Paulo, v. 18, n. 2, p.

125-151, jul./dez. 2018. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p125-151>. Acesso em:  
20/11/2019.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes.; AMARILHA, Marly. O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 151-167, nov./dez. 2018. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/er/v34n72/0104-4060-er-34-72-151.pdf>. Acesso em:  
20/11/2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SOUSA, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar. **O conhecimento que os professores manifestam sobre a metacognição da comunicação não-verbal na escola inclusiva**: respostas aos alunos com NEE. Tese Doutoral. Facultad de Educación. Departamento de Ciencias de la Educación. Universidad de Extremadura. Espanha. 2012. Acedido em 02 de fevereiro, 2019, em:  
<http://dehesa.unex.es/xmlui/handle/10662/437>. Acesso em: 20/11/2019.

SOUSA, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar. E se entrasse numa livraria e pedisse um livro multiformato? III Encontro sobre Inclusão em Contexto Escolar. **Anais Rumo a uma escola inclusiva de 2ª**. Geração. IPL, 2018.

STAKE, Robert E. Case Studies. In N. Denzin Y. Lincoln. **Handbook of qualitative research**, p. 236-247. 1994 Newsbury Park: Sage.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata. 1999.

UNESCO. World declaration on education for all and framework for action to meet basic learning needs. **Adopted by World Conference on Education for All Meeting Basic Learning Needs**, 5–9 March, 1990. Jomtien, Thailand. Disponível em: em  
[http://www.ceses.it/docs/JOMTIE\\_E.pdf](http://www.ceses.it/docs/JOMTIE_E.pdf). Acesso em: 20/11/2018.

UNESCO. Declaração de Salamanca e o Enquadramento da Acção – Necessidades Educativas Especiais. **Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais**: Acesso e Qualidade, Salamanca. 1994. Disponível em:  
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>. Acesso em: 20/11/2019.

UNESCO. **Educação para Todos 2000-2015**: progressos e desafios, relatório de monitoramento global de EPT, 2015, relatório conciso. Disponível em:  
[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232565\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232565_por)>. Acesso em:  
20/11/2019.

UNESCO. **Education 2030**: Incheon Declaration and Framework for Action: towards inclusive and equitable quality education and lifelong learning for all. Brasília. 56p. 2016. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office/singleview/news/education\\_2030\\_incheon\\_declaration\\_and\\_and\\_framework\\_for\\_ac/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office/singleview/news/education_2030_incheon_declaration_and_and_framework_for_ac/). Acesso em: 20/11/2019.

WALL, Karin. ET AL. **Livro Branco – Homens e Igualdade de Género em Portugal**, CITE/ICS (online) 2016. Disponível em:

[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26649/1/ICs\\_KWall\\_LivroBranco\\_Outros.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26649/1/ICs_KWall_LivroBranco_Outros.pdf). Acesso em: 20/11/2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Report on disability**. (2011) Retirado de [http://whqlibdoc.who.int/publications/2011/9789240685215\\_eng.pdf](http://whqlibdoc.who.int/publications/2011/9789240685215_eng.pdf). Acesso em: 20/11/2019.

VON TETZCHNER, Stephen.; MARTINSEN, Harold. **Introdução à comunicação aumentativa e alternativa**. Portugal: Porto Editora, 2000.

ZERBATO, Ana Paula.; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho Universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**, 22(2): 147-155, abril-junho 2018 DOI: 10.4013/edu.2018.222.04. Acesso em: 20/11/2019.

ZERBATO, Ana. Paula. **Desenho Universal para a Aprendizagem na Perspectiva da Inclusão Escolar**: Potencialidades e Limites de uma Formação Colaborativa. Tese de Doutorado. UFSCAR, 298f. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9896?show=full>> Acesso em: 20/11/2019.

**Recebido:** 02/01/2020.

**Aprovado:** 04/06/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n42.11469.

**Como citar:** CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira; SOUSA, Célia Maria Adão Oliveira Aguiar; SILVA, Denise Regina Quaresma da. Gênero e Inclusão na Leitura para Todos e Todas: Histórias da/para Comunidade com abordagens da Tecnologia e do Desenho Universal para Aprendizagem. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 220-242, jul./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Alessandra Lopes de Oliveira Casteleni

Rua Maria Cândida Torres, 61 – Casa 02, Condomínio Passo Certo III, Bairro Rincão dos Ilhéus - Estância Velha, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

